



SEÇÃO ARTIGOS

Desejo mimético e masoquismo em *Humilhados e ofendidos*, de Dostoiévski

Mimetic Desire and Masochism in Dostoevsky's Humiliated and Insulted

Deseo Mimético y Masoquismo en Humillados y Ofendidos, de Dostoiévski

Rafael Campos

Quevedo¹

orcid.org/0000-0003-4958-7095

rafael.quevedo@ufma.br

Mariana Amorim Garcia¹

orcid.org/0009-0001-1307-2586

amorim.mariana@discente.ufma.br

Recebido em: 30 maio. 2025.

Aprovado em: 22 jul. 2025.

Publicado em: 13 nov. 2025.

Resumo: Este artigo propõe uma abordagem do romance *Humilhados e ofendidos*, de Fiódor Dostoiévski (1821-1881), publicado em 1861, à luz da Teoria Mimética sistematizada por René Girard (1923-2015). Partindo de uma breve consideração acerca do papel das obras literárias (sobretudo as "romanescas", na acepção girardiana do termo) no escopo da Teoria Mimética, pretende-se mostrar como a obra do autor russo ocupa um papel central na formulação inicial dessa teoria acerca do desejo humano, especialmente nos primeiros estudos produzidos pelo pensador francês, nomeadamente as obras *Mentira romântica e verdade romanesca* e *Dostoiévski do duplo à unidade*, publicadas em 1961 e 1963, respectivamente, nas quais se delineiam os conceitos fundamentais da referida teoria. Partindo de uma exposição desse lugar de centralidade ocupado pela literatura dostoiévskiana no pensamento de René Girard, este trabalho propõe um exame acerca da dinâmica das mediações dos desejos dos personagens principais do referido romance como manifestações exemplares do desejo mimético. Para isso, apresenta um panorama do funcionamento do desejo segundo a Teoria Mimética com ênfase nos conceitos de *mediador/modelo*, *mediação interna* e *desejo metafísico* e, ao final, discute a noção girardiana de *masoquismo*, destacando sua especificidade em relação à abordagem psicanalítica tradicional. Por fim, estabelece um breve cotejo entre as formulações propostas por Sigmund Freud (1856-1939) em seu estudo de 1924 intitulado "O problema econômico do masoquismo" e as considerações de René Girard sobre o tema apresentadas em diálogo com o psiquiatra Jean-Michel Oughourlian na obra *Coisas ocultas desde a fundação do mundo*, publicada em 1978.

Palavras-chave: masoquismo; desejo mimético; René Girard; Dostoiévski.

Abstract: This article proposes an approach to the novel *Humiliated and Insulted* by Fyodor Dostoevsky (1821-1881), published in 1861, in light of the Mimetic Theory systematized by René Girard (1923-2015). Starting with a brief consideration of the role of literary works (especially "novelistic" ones, in the Girardian sense of the term) within the scope of Mimetic Theory, the aim is to show how the work of the Russian author occupies a central place in the initial formulation of this theory of human desire, especially in the early studies produced by the French thinker, namely the works *Deceit, Desire and the Novel* and *Dostoyevsky: From the Double to the Unity*, published in 1961 and 1963, respectively, which outline the fundamental concepts of the said theory. Beginning with an exposition of this central role played by Dostoevsky's literature in René Girard's thought, this paper proposes an examination of the dynamics of the mediations of desire among the main characters in the aforementioned novel as exemplary manifestations of mimetic desire. To this goal, it presents an overview of the functioning of desire according to Mimetic Theory, with emphasis on the concepts of mediator/model, internal mediation, and metaphysical desire, and finally discusses Girard's notion of masochism, highlighting its specificity in relation to the traditional psychoanalytic approach. Lastly, it establishes a brief comparison between the formulations proposed by Sigmund Freud (1856-1939) in his 1924 study entitled "The economic



¹ Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, Maranhão, Brasil.

problem of masochism" and René Girard's reflections on the subject, presented in dialogue with psychiatrist Jean-Michel Oughourlian in the work *Things Hidden Since the Foundation of the World*, published in 1978.

Keywords: Masochism; Mimetic desire; René Girard; Dostoevsky.

Resumen: Este artículo propone un enfoque de la novela *Humillados y ofendidos*, de Fiódor Dostoiévski (1821–1881), publicada en 1861, a la luz de la Teoría Mimética sistematizada por René Girard (1923–2015). A partir de una breve consideración sobre el papel de las obras literarias (sobre todo las "novelescas", en el sentido girardiano del término) en el marco de la Teoría Mimética, se pretende mostrar cómo la obra del autor ruso ocupa un lugar central en la formulación inicial de esta teoría sobre el deseo humano, especialmente en los primeros estudios elaborados por el pensador francés, a saber, las obras *Mentira romántica y verdad novelesca* y *Dostoiévski: del doble a la unidad*, publicadas en 1961 y 1963, respectivamente, en las que se delinean los conceptos fundamentales de dicha teoría. Partiendo de una exposición de ese lugar de centralidad que ocupa la literatura dostoiévskiana en el pensamiento de René Girard, este trabajo propone un análisis de la dinámica de las mediaciones de los deseos de los personajes principales de dicha novela como manifestaciones ejemplares del deseo mimético. Para ello, se presenta un panorama del funcionamiento del deseo según la Teoría Mimética, con énfasis en los conceptos de mediador/modelo, mediación interna y deseo metafísico, y, al final, se discute la noción girardiana de masoquismo, destacando su especificidad en relación con el enfoque psicoanalítico tradicional. Finalmente, se establece una breve comparación entre las formulaciones propuestas por Sigmund Freud (1856–1939) en su estudio de 1924 titulado "El problema económico del masoquismo" y las consideraciones de René Girard sobre el tema, presentadas en diálogo con el psiquiatra Jean-Michel Oughourlian en la obra *Cosas ocultas desde la fundación del mundo*, publicada en 1978.

Palabras clave: masoquismo; deseo mimético; René Girard; Dostoiévski.

INTRODUÇÃO

A obra de Fiódor Dostoiévski ocupa um lugar de considerável centralidade no escopo da Teoria Mimética de René Girard. Os estudos empreendidos pelo pensador francês sobre os romances e as cartas do autor de *Crime e Castigo* situam-se em um momento crucial de sua trajetória intelectual, especificamente em suas duas primeiras obras: *Mentira romântica e verdade romanesca*, de 1961, e *Dostoiévski do duplo à unidade*, de 1963 – justamente aquelas nas quais se delineiam e se sistematizam os princípios fundamentais de sua teoria, que o acompanharão ao longo de toda a sua produção, bem como dos desdobramentos

subsequentes de seu pensamento.

Iniciaremos este trabalho, portanto, com o propósito de refletir sobre esse lugar que a literatura dostoiévskiana ocupa no arcabouço teórico de René Girard para, em seguida, tratarmos do romance *Humilhados e ofendidos* a fim de articularmos o objetivo central deste artigo: analisar a dinâmica dos desejos mobilizados pelos personagens centrais, compreendendo-a como um caso exemplar do funcionamento mimético do desejo, conforme proposto pela teoria de René Girard. Para isso, será necessário apresentar, ainda que de forma esquemática, uma exposição sobre o funcionamento do desejo conforme preconiza essa teoria. Por fim, a análise mimética de *Humilhados e ofendidos* nos conduzirá à noção girardiana de *masoquismo*, com a qual nos ocuparemos não apenas para apresentá-la, mas também para assinalar sua distinção em relação à concepção dominante dessa ideia, de matriz psicanalítica.

Pressupostos da teoria do desejo mimético e o lugar da obra de Dostoiévski no plano dessa teoria

Para René Girard, condutas e sentimentos como os que entendemos por masoquismo, sadismo, inveja, ódio e ciúme podem ser compreendidos à luz do mimetismo, que, segundo o autor, estaria na base de todo desejo humano e, afinal, seria o agente catalisador das rivalidades nas relações intersubjetivas.

A teoria mimética tem início por meio das análises empreendidas por René Girard de romances da literatura ocidental. Tais análises integram sua primeira obra, publicada em 1961, intitulada *Mentira romântica e verdade romanesca*, na qual o autor analisa obras de Cervantes, Stendhal, Flaubert, Dostoiévski e Proust. A esse respeito, convém registramos uma breve explicação.

Um aspecto importante acerca desse início da trajetória intelectual de René Girard, que se deu, conforme informamos, a partir de análises de obras literárias, é que não esteve no horizonte do autor o propósito de estabelecer uma teoria da literatura ou mesmo legitimar *Mentira romântica*

e *verdade romanesca* como uma obra de crítica literária. Esse estudo é um ponto de partida no qual se articula uma hipótese sobre o desejo humano que explicaria, em desdobramentos apresentados em obras posteriores, a origem da hominização e o advento da cultura (*A violência e o sagrado*, de 1972) e, em última instância, redimensionaria o papel dos textos bíblicos na história da humanidade (*Coisas ocultas desde a fundação do mundo*, de 1978, e outras obras). Isso ajuda a compreender afirmações de René Girard, tal como esta citada por Michael Kirwan (2015, p. 90): "meu uso dos textos literários é muito egoísta e pragmático" – tão sintetizadora da intenção do seu projeto intelectual que não visava se constituir propriamente no campo dos Estudos Literários. Ainda assim, Girard atribuiu grande importância à técnica literária, embora de maneira distinta da abordagem predominante nas teorias dos anos de 1960, que tendiam a privilegiar a estrutura interna da obra e a autonomia da linguagem como objeto de análise². Para Girard, ao contrário, o romance funciona como um guia para o autoconhecimento e para a compreensão da vida, da nossa relação com os outros e, por consequência, com o mundo ao nosso redor. Isso posto, tomemos a seguinte passagem de *Dom Quixote*, primeiro romance a ser comentado em sua obra de 1961, como ponto de partida para a exposição dos pressupostos do desejo mimético:

Assim, quem quer alcançar nome de astuto e sofrido, deve imitar e imita Ulisses, em cuja pessoa e atribuições Homero nos pinta um retrato vivo da astúcia e do sofrimento, como também nos mostrou Virgílio, na pessoa de Eneias, o valor de um filho piedoso e a sagacidade de um corajoso e experiente capitão, não os pintando nem os descrevendo como eles foram, mas como deveriam ser, para que suas virtudes servissem de exemplo aos homens do futuro. Desse mesmo modo, Amadis foi o norte, a estrela da manhã, o sol dos cavaleiros valentes e apaixonados, a quem todos aqueles que militamos sob a bandeira do amor e da cavalaria devemos imitar. Então, sendo assim como é de fato, eu acho, meu amigo Sancho,

que o cavaleiro andante que mais o imitar, mais próximo estará de alcançar a perfeição da cavalaria. [...] Depois, para mim é mais fácil imitá-lo nisso que em partir gigantes ao meio, decepar serpentes, matar dragões, desbaratar exércitos, derrotar armadas e desfazer encantamentos. E como estes lugares são tão propícios para semelhantes coisas, não há por que deixar passar a oportunidade, que agora me oferece sua melena tão convenientemente (Cervantes Saavedra, 2012, p. 174).

Esse trecho, retirado do capítulo XXV ("Que trata das estranhas coisas que em Serra Morena sucederam ao valente cavaleiro da Mancha, e da imitação que fez da penitência de Beltenebros") da primeira parte de *Dom Quixote*, de Cervantes, apresenta uma importante e elucidativa síntese do *insight* central da Teoria Mimética, proferido por um personagem sobre quem se diz estar acometido pela loucura. O *insight* a que nos referimos diz respeito à ideia segundo a qual o desejo é mobilizado pela imitação e, portanto, somos seres miméticos. As nobres ambições do Quixote têm início, como sabemos, a partir das leituras empreendidas pelo fidalgo Dom Alonso Quijano mas, sobretudo, pelo fato de ter tomado Amadis de Gaula como modelo imitativo. A imitação que, como vimos, é assumida por Dom Quixote está na base de todo seu desejo, razão pela qual Girard afirma: "uma verdade de que a maioria dos homens passa a vida toda fugindo, é reconhecer que sempre copiou os outros a fim de parecer original aos olhos dele e aos seus próprios" (2009, p. 61). Tal concepção serviu de fundamento, por sua vez, para a diferenciação que Girard estabeleceu entre o que chamou de *obras românticas* e *obras romanescas*: "Reservaremos doravante o termo romântico para as obras que refletem a presença do mediador sem jamais revelá-la e o termo romanesco para as obras que revelam essa mesma presença" (Girard, 2009, p. 40).

Em síntese, romanescas seriam aquelas obras nas quais o desejo aparece nos personagens

² Segundo Kirwan (2015, p. 90), "Girard aborda grandes obras literárias, insistindo que elas podem constituir um guia para a verdade humana mais seguro que as ciências humanas e sociais da atualidade. Isso o coloca em desacordo com muitos teóricos filosóficos e estéticos contemporâneos, de acordo com os quais os textos literários apenas podem relacionar-se com outros textos de ficção, não devendo ser lidos como se tivessem alguma base em situações éticas ou religiosas genuínas. Assim, desde o início somos confrontados com uma importante decisão: a literatura tem alguma relação com a realidade da vida humana? Será que podemos mesmo aprender com certos escritores como Dostoiévski, Proust e Shakespeare sobre como são os seres humanos e sobre como devemos conduzir nossa vida?"

sempre a partir da mediação de um terceiro elemento que se interpõe entre o desejante e o desejado. O primeiro dos romances comentados, o *Dom Quixote*, seria um exemplo hiperbólico desse caso à medida que todos os desejos obsessivos do protagonista têm como origem (leia-se: modelo, mediador) as novelas de cavalaria. Desse modo, o desejo de Quixote por Dulcineia é completamente mediado, ou seja, ele não nasceu espontaneamente no peito do herói e se dirigiu em direção à camponesa, transfigurando-a. Em verdade, Quixote foi primeiro seduzido pelas aventuras medievais da cavalaria para, só então, amar Dulcineia e tudo o mais que está envolvido no universo cavaleiresco. Já as obras românticas seriam aquelas que tenderiam a falsear o caráter triangular de todo desejo, representando-o como constituído por uma relação bilateral e espontânea, sem envolver um terceiro elemento, o mediador.

Outro importante aspecto da teoria são os níveis, por assim dizer, da mediação, ideia que está contida na distinção que Girard propõe entre a mediação interna e a externa. A primeira é caracterizada pela proximidade do modelo/mediador com o sujeito, de tal forma que isso possibilita a competição pelo objeto de desejo, juntamente com o sujeito desejante. Quanto maior a aproximação, maior será, portanto, a rivalidade. Na mediação externa, temos o modelo distante do sujeito. *Dom Quixote* (sujeito desejante) se inspira nos livros de Amadis de Gaula (mediador) para se tornar um grande cavaleiro e ir em busca de seus ideais. Porém, entre os dois, sujeito e mediador, existe uma assimetria de planos: o fidalgo estaria no nível da realidade (considerando o plano diagético em questão), ao passo que seu modelo é um ser de papel, um personagem da literatura. Assim disposta, tal relação impossibilita a rivalidade entre Quixote e seu ídolo e se mantém no plano da inspiração, da reverência a um modelo assumido pelo sujeito desejante. Essa é razão pela qual temos, em *Dom*

Quixote, um exemplo de mediação externa, ao passo que, na obra dostoievskiana *Humilhados e ofendidos*, tal como demonstraremos adiante, temos um mosaico de situações que atesta a mediação interna (ou seja, aquela em que sujeito e mediador ocupam o mesmo plano) em plena ação, engendrando suas nefastas consequências.

A literatura dostoievskiana constará na primeira obra de René Girard como o exemplar mais acabado das figurações do "estágio supremo da mediação interna" (Girard, 2009, p. 64), ou seja, a obra do escritor russo seria atravessada por situações romanescas nas quais o fenômeno da mediação interna e todas as consequências que dela decorrem apresentam-se em seus níveis mais acirrados. As implicações da "psicologia" e da "metafísica" do subsolo para o desejo mimético, com as quais Girard irá se ocupar em seu ensaio *Dostoiévski do duplo à unidade*, já constam em sua obra de estreia e ajudam a compreender um dos conceitos fundamentais de sua teoria: o desejo metafísico.

Segundo Girard, todo desejo de *ter* conteria, implicitamente, um desejo de *ser* o outro, daí a acepção do termo metafísico empregada nesse caso³. A propulsão para a posse daquilo que o outro detém indicaria, no limite, o desejo de tornar-se esse outro. Em *Mentira romântica e verdade romanesca*, o pensador francês afirma que "O desejo segundo o Outro é sempre o desejo de ser um Outro. Há um único desejo metafísico, mas os desejos particulares que concretizam esse desejo primordial variam ao infinito" (Girard, 2009, p. 270). Isso está diretamente relacionado ao duplo valor de que está investida a figura do mediador (ou modelo), conforme explica a teoria mimética:

O impulso em direção ao objeto é no fundo impulso na direção do mediador; na mediação interna, esse impulso é quebrado pelo próprio mediador já que este mediador deseja, ou talvez possua, esse objeto. O discípulo, fascinado por seu modelo, vê forçosamente, no obstáculo mecânico que este último lhe opõe, a prova

³ Em *Coisas ocultas desde a fundação do mundo*, Girard registra: "Podemos qualificá-la de ontológica ou metafísica. Podemos não empregar a palavra desejo senão a partir do momento em que o mecanismo incompreendido da rivalidade mimética tenha conferido essa dimensão ontológica ou metafísica àquilo que antes era apenas um apetite ou necessidade" = "desejo propriamente dito" (Girard, 2008, p. 338).

de uma vontade perversa para com ele. Longe de se declarar vassalo fiel, esse discípulo não pensa senão em repudiar os laços da mediação. Esses laços, no entanto, estão mais sólidos do que nunca pois a hostilidade aparente do mediador, longe de lhe diminuir o prestígio, não faz senão aumentá-lo. [...] Então, o sujeito experimenta por esse modelo um sentimento dilacerante formado pela união destes dois contrários que são a mais submissa veneração e o mais intenso rancor. Eis aí o sentimento que chamamos de ódio. Apenas o ser que nos impede de satisfazer um desejo que ele próprio nos despertou é verdadeiramente objeto de ódio. Quem odeia, odeia primeiramente a si mesmo em razão da admiração secreta que seu ódio encobre [...] (Girard, 2009, p. 34).

No plano das análises girardianas em sua primeira obra, a literatura de Dostoiévski situa-se, portanto, no último estágio da cadeia de figuras do desejo estabelecida a partir do critério da proximidade entre mediador e objeto desejo. Isso explica o fato de que, apesar de Marcel Proust ser cronologicamente posterior a Dostoiévski, é esse que se localiza, conforme dissemos, no polo final na sucessão das representações de um desejo que se encontra completamente dominado pela mediação interna adentrando, pois, o "subsolo" da vida mental e das relações interpessoais:

Com exceção das raras personagens que escapam inteiramente ao desejo segundo o Outro, em Dostoiévski já não há mais amor sem ciúme, amizade sem inveja, atração sem repulsão. Insulta-se um ao outro, cospe-se na cara um do outro e, instantes mais tarde, está-se aos pés do inimigo, beija-lhe as mãos. Em princípio, esse fascínio repleto de ódio não difere do esnobismo proustiano e da vaidade stendhaliana. O desejo copiado de um outro desejo tem por consequências inevitáveis "a inveja, o ciúme e o ódio impotente". À medida que o mediador se aproxima e que se passa de Stendhal a Proust e de Proust a Dostoiévski, os frutos do desejo triangular vão ficando mais amargos (Girard, 2009, p. 64).

É, todavia, na já mencionada obra *Dostoiévski do duplo à unidade* que René Girard irá dedicar-se extensivamente a toda a produção ficcional e não ficcional do autor de *Crime e Castigo*. Para fins de sistematização da nossa abordagem, trataremos das ideias desse ensaio concomitantemente às considerações que faremos sobre *Humilhados e ofendidos*, romance que integra o *corpus* girardiano no referido estudo de 1963. Conforme

já antecipamos, nossa discussão acerca dessa obra, sob a perspectiva mimética, envolverá uma abordagem da noção girardiana de *masoquismo*, um dos tópicos nos quais a Teoria Mimética diverge da psicanálise.

Humilhados e ofendidos e o tema do masoquismo

Publicado entre janeiro e julho de 1861 na revista *O Tempo*, *Humilhados e ofendidos* é uma obra em que as relações intersubjetivas foram completamente dominadas pelo desejo mediado. Se considerarmos o preceito já comentado da inexistência de autonomia do desejo e do mecanismo da triangulação como sua causa, aceitando a condição das obras românticas como falseadoras desse mecanismo e a verdade romanesca da mimese como caráter irremediável das relações humanas, poderemos compreender o mimetismo nas ligações pessoais dos personagens desse romance.

O narrador da história é o herói Vânia (Ivan Petrovitch), escritor que, após o êxito com a publicação de seu primeiro romance, enfrenta um momento de declínio na carreira. Sobrevivendo por meio de pequenos artigos para revistas, Vânia narra sua história, a começar por sua infância. Órfão desde cedo, foi criado pelo honesto camponês Nikolai Sergueievitch Ikhmiêniev, um sujeito que, após uma enorme perda no jogo, reergueu-se como administrador das terras de um príncipe (Piotr Aleksándrovitch Valkóvski) com quem mantinha excelentes relações. Nikolai tinha uma única filha, Natália Nikoláievna (que atende pelo diminutivo Natacha), por quem Vânia se apaixona, embora ela, apesar de nutrir certo afeto por ele, não o ame.

A certa altura da narrativa, o príncipe Valkóvski escreve a Nikolai a fim de solicitar que este acolha o seu filho de 19 anos, pedindo que o eduque com amor e rigor. O jovem se chama Aliócha, e sobre ele correm boatos de que era leviano com mulheres e dissipador de dinheiro alheio. Já aos cuidados de Nikolai, ficamos sabendo que o jovem possuía "impresscionabilidade nervosa excessiva, coração ardente, frivolidade, que chegava

às raias da insensatez". Logo surgem boatos de que Nikolai e sua esposa estariam confabulando para instruir sua filha Natacha a seduzir o filho do príncipe para que com ele se casasse. O príncipe acredita nos boatos e as relações com a família, antes bastante sólidas, começam a estremecer. As boatarias aumentam e isso culmina na ruptura entre ambos, após um litígio jurídico envolvendo venda de terras que resulta na ofensa mútua entre os envolvidos.

Em uma aproximação preliminar, percebemos um enredo complexo que possui não somente uma ou duas relações de desejo, mas várias que se intercalam dinamicamente⁴. Tais informações nos levariam a imaginar que tais conflitos são meros expedientes narrativos. No entanto, conforme já foi observado, essas características, segundo a teoria girardiana, revelam, de modo inequívoco, a dinâmica do desejo mediado, bem como suas consequências, entre as quais o masoquismo.

Segundo Girard, uma das principais características do desejo mimético, tal como é representado na ficção dostoiévskiana, consiste na estranha e incessante busca dos personagens por situações conflituosas. Em *Dostoiévski: do duplo à unidade*, Girard confirma que os personagens do referido autor sentem "um prazer doloroso, porém intenso, ao ver o espetáculo de um desastre amoroso para o qual colaboraram tanto quanto possível" (Girard, 2011, p. 36).

O conflito principal envolve, portanto, o casal de namorados Natacha e Aliócha, que, proibidos por suas famílias de manterem qualquer relacionamento, buscam incessantemente a completude de sua paixão, não sem uma considerável assimetria de desejos, uma vez que Aliócha, dado o seu temperamento instável e bastante volúvel, está sempre à beira de deslizar para novas e mais empolgantes aventuras amorosas. Logo quando Natacha, à revelia de seus pais, decide fugir para viver com Aliócha, Vânia, sabendo do mal que o conhecimento desse relacionamento secreto poderia causar aos pais de Natacha, se

oferece para intermediar o amor do casal e, de alguma maneira, continuar a conviver com os pais dela. Desse modo, Vânia passa, então, a desempenhar o estranho papel de conselheiro tanto de Natacha, por quem é apaixonado, quanto de Aliócha, seu rival:

E sempre que Natacha mudava de tom e se dirigia a mim com queixas sobre Aliócha ou querendo que eu resolvesse alguma questão delicada, ou algum segredo, desejando que eu o compreendesse por meias palavras, e eu me lembro de que então ela sempre olhava para mim mostrando os dentinhos e como que implorando que eu encontrasse uma solução a qualquer custo (Dostoiévski, 2018, p. 159).

Para Girard (2011, p. 37), tais elementos deixam evidente que essas relações amorosas "nascem de um obstáculo que lhes opõe um terceiro": Vânia, filho de humildes trabalhadores falecidos do senhor Nikolai Serguêievitch Ikhmiêniev, jamais poderia conseguir deste último mais que sua compaixão e amizade. A mão de Natacha seria, pois, inimaginável e inalcançável, e é essa impossibilidade que o impulsiona a buscá-la. Natacha, por sua vez, em determinado momento, chegou a ponderar um envolvimento com seu amigo de infância, mas a chegada de Aliócha mudou essa dinâmica de sentimentos.

Ainda que tenha abandonado seu seio familiar por este relacionamento, Natacha não logra alcançar o total amor de Aliócha; ele a trai com outras mulheres. Mas essas atitudes não são suficientes para uma eventual separação, ao contrário, elas acendem em Natacha um prazer apaixonado em perdoá-lo: "Pois, para essa criatura admirável havia uma espécie de prazer infinitivo em perdoar e absorver toda a culpa, era como se no processo de perdoar Aliócha, encontrasse um atrativo especial e sutil" (Dostoiévski, 2018, p. 258). Esse consentimento já havia sido manifestado por Natacha. Antes de o casal ter iniciado a vida conjugal, em diálogo com Vânia, Natacha descreve Aliócha como uma espécie de criança amorosa, que não pode ser responsa-

⁴ Há, inclusive, uma segunda linha narrativa que, apesar de importante para a "arquitetura" geral do romance, não entrará no escopo destas considerações. Referimo-nos à história de Elena, a criança órfã, neta do misterioso velho Smith, que aparece no primeiro capítulo do romance, e que é resgatada por Vânia e Masloboiev das mãos de uma alcoviteira que a explorava.

bilizada por nada. Diz que precisa estar ao seu lado pois, caso se afaste um pouco que seja, ele pode esquecê-la e amar outra mulher. Vânia fica perplexo e pergunta como ela pode optar por uma relação que a fará sofrer. Ela diz que está consciente do sofrimento que a espera e que até deixaria que ele amasse outra, contanto que fosse em sua presença.

Aliócha é descrito em diversas outras ocasiões como um jovem essencialmente inocente e ignorante sobre a realidade da vida. Durante a narrativa, Dostoiévski nos alude a sua inclinação a pessoas mais bem abastecidas de conhecimento que ele: "Se ele não era capaz de raciocinar, então amava justamente as pessoas que pensavam e até desejavam por ele" (Dostoiévski, 2018, p. 265). Provavelmente, essa constatação nos conduziria à conclusão de que Aliócha desejou Natacha e, depois, Kátia por serem mulheres inteligentes, o que de fato eram. Entretanto, quando analisamos a situação na perspectiva girardiana, percebemos que as duas mulheres foram objetos de desejo, os quais Aliócha cobiçou em momentos distintos por mediações diferentes. Falemos, primeiramente, de Natacha.

Não obstante nutrir um desejo por Natacha, Aliócha não o faz deliberadamente, mas impulsionado pelos sentimentos de Vânia, ainda que, inicialmente, não o conheça. Porém, a partir do momento que percebe a proximidade dos dois através das histórias de Natacha e a possibilidade de um enlace, Vânia se transforma no seu rival e mediador, de tal forma que, além de usurpar a mão de Natacha, Aliócha afirma estar cogitando a possibilidade de torna-se um escritor tão promissor quanto seu rival: "Veja só, quero escrever novelas e vender para revistas, assim como o senhor. Vai me ajudar com os jornalistas, não é? Contava com o senhor e fiquei a noite toda meditando sobre o romance" (Dostoiévski, 2018, p. 50). Tal fala acontece na mesma circunstância na qual Vânia é apresentado a Aliócha por Natacha, que, de imediato, profere um comentário expressando um estranho vislumbre de uma relação a três:

- Sim, Aliócha, sim – replicou Natacha –, ele está conosco, é nosso irmão, já nos perdoou,

e sem ele não poderíamos ser felizes. Já lhe havia dito... Oh, somos duas crianças cruéis, Aliócha! Mas agora vamos viver a três... Vânia! – continuou ela, e seus lábios começaram a tremer (Dostoiévski, 2018, p. 59).

O desejo mimético obriga os sujeitos a acreditarem numa suposta superioridade por parte de seus mediadores, pois estes os impedem de possuir o objeto de seus desejos. Essa valorização ocorre, portanto, à medida que a rivalidade aumenta, devido, principalmente, à aproximação dos mediadores com os objetos de desejo. Ainda nesta perspectiva, e a exemplo do vislumbre de Natacha mencionado no parágrafo anterior, é possível observarmos, em vários momentos de *Humilhados e ofendidos*, "um masoquismo e um voyeurismo" tal como na seguinte cena, citada e comentada por René Girard:

Antes mesmo de abandonar Natacha por Kátia, Aliócha comete numerosas infidelidades com mulheres de vida fácil. Vai ter com sua noiva depois de cada uma dessas escapadas e conta o acontecido: "Vendo-a doce e clemente, Aliócha não se continha e começava logo sua confissão, sem ser interrogado, unicamente para aliviar o coração, para 'ser como antes', segundo sua expressão". A jovem escuta essas confidências com uma expressão apaixonada: "Ah! Não se afaste do assunto", pede ela. O prazer que sente Natacha, ainda que terrivelmente enciumada, em perdoar as loucuras de Aliócha revela mais claramente ainda o caráter ambíguo da "magnanimidade" dostoiévskiana: "Brigamos", explica ela a Vânia, "quando ele esteve com uma tal Minna... Eu soube, vigiei-o e, imagine, sofria o martírio e – devo admiti-lo? – ao mesmo tempo experimentava um sentimento doce, agradável... Não sei bem o porquê". Vânia está apaixonado por Natacha; sente-se, portanto, duplamente humilhado por essa humilhação. Há, nessa cena, um masoquismo e um voyeurismo em segunda potência, do qual o romance fornece inumeráveis exemplos (Girard, 2011, p. 36).

Na segunda parte do romance, o príncipe, pai de Aliócha, desempenha um papel decisivo no curso dos desejos dos personagens com sua ambígua intervenção ao autorizar a relação de seu filho com Natacha. Trata-se de uma intervenção de profundas implicações miméticas, algo percebido, aliás, pela própria Natacha. Ao liberar o caminho para o amor do casal e, ao mesmo tempo, reconhecer a importância da continuidade

das visitas de Aliócha a Kátia, o príncipe remove o obstáculo que se interpunha entre o filho e Natacha, o que, dado o temperamento de Aliócha, contribuirá para esvaziar mais rapidamente seu já frágil interesse pela moça e, conseqüentemente, jogá-lo nos braços de Kátia, a quem o príncipe deseja ter por nora, por motivos de interesses financeiros com a família da personagem.

Natacha, por sua vez, como já foi revelado, demonstra uma mesma obstinação voyeurista/masquista, como percebemos no trecho anteriormente citado, ainda que camuflado por uma aparência de magnanimidade em sua obstinada disposição a perdoar todos os males que lhe foram infligidos. Girard afirma que os personagens de Dostoiévski parecem ser bondosos, mas não são. Aceitar as ofensas e Aliócha era um meio de vê-lo implorando por perdão, ou seja, sair de um estado de humilhada para opressora, sair do masoquismo para o seu contrário, o sadismo:

Longe de renunciar "à parte possessiva de todo amor", esses personagens se interessam unicamente por ela. Parecem generosos *porque não o são*. Como conseguem então parecer, e considerar-se a si mesmos, o contrário daquilo que são? É porque o orgulho é uma potência contraditória e cega que sempre suscita, mais cedo ou mais tarde, efeitos diametralmente opostos aos que procura. O mais fanático orgulho tende, ao menor fracasso, a descer muito baixo diante do outro; o que significa que parece, exteriormente, humildade. O egoísmo mais extremo faz de nós, à menor derrota escravos voluntários; o que significa que parece, exteriormente, espírito de sacrifício (Girard, 2011, p. 44).

Abundam, ao longo do romance, falas, comportamentos e atitudes dos personagens que possibilitam reflexões a partir de pressupostos como esse fornecido por Girard. Interessa-nos, aqui, aqueles que mais se aproximam do tipo de conduta convencionalmente tidas como masquista, a exemplo da seguinte fala de Natacha para Vânia:

Ouçá, pressentia que ele não me traria nada além de sofrimento. Mas o que posso fazer se agora até o sofrimento que me causa é uma felicidade para mim? Acha que não sei de antemão o que me espera e o que hei de padecer ao seu lado? É verdade que jurou me amar e que me fez todo tipo de promessa,

mas ainda assim não acredito em nem uma de suas promessas, não dou nem uma importância a elas, e nem antes eu dava, mesmo que soubesse que não mentia para mim, até porque ele não consegue mentir. Eu mesma lhe disse que não queria prendê-lo de modo algum. Como ele é, melhor: ninguém gosta de ficar amarrado. E, ainda assim, sinto-me feliz em ser sua escrava, uma escrava voluntária (Dostoiévski, 2018, p. 55).

A partir de confissões como essa de Natacha e dos pressupostos teóricos já por nós mobilizados até o momento, entendemos ser possível encaminharmos a discussão tendo em vista a elucidação dos seguintes aspectos: o significado do masoquismo do ponto de vista da Teoria Mimética e sua divergência com relação à concepção psicanalítica.

O masoquismo é um tema abordado por Girard desde sua primeira obra, porém, no livro *Coisas ocultas desde a fundação do mundo*, publicado em 1978, é possível encontrarmos um cotejo mais demorado da sua perspectiva com a freudiana acerca desse conceito, de modo a podermos perceber com mais clareza as diferenças existentes entre ambas. Assim sendo, principiemos por uma breve síntese de como Girard apresenta sua visão de masoquismo em sua obra de 1961 e, em seguida, procederemos a uma exposição da sua visão em paralelo com a psicanálise, tal como consta em *Coisas ocultas desde a fundação do mundo*.

A nosso ver, a passagem do *Mentira romântica e verdade romanesca* que melhor ilustra o entendimento girardiano acerca da conduta convencionalmente considerada masquista está formulada na seguinte analogia:

Um homem parte à procura de um tesouro que acredita escondido sob uma pedra. Ele ergue um número de pedras, uma após a outra, mas não encontra nada. Cansa-se dessa vã operação mas não quer renunciar a ela, pois o tesouro é por demais valioso. O homem vai então se pôr em busca de uma *pedra pesada demais para ser levantada*; é nessa pedra que vai investir toda a sua esperança, é junto dela que vai desperdiçar as forças que lhe restam (Girard, 2009, p. 205).

Consideremos as coordenadas fornecidas por Girard nesse trecho. Em primeiro lugar, há

uma crença que impele o hipotético homem à procura pelo seu tesouro, ou seja, sua busca é conduzida não por alguma evidência, mas sim por sua crença. Ele “acredita escondido [o tesouro] sob uma pedra”. Em segundo lugar, esse personagem já possui um histórico de procura por esse objeto desejado, pois ele já ergueu um determinado número de pedras antes, embora nada tenha encontrado. Por fim, atentemos para a lição que o homem depreende da frustração decorrente dos esforços envidados anteriormente. Ele não crê que possa estar errado em procurar esse tesouro por debaixo das pedras, mas sim que não o encontrou por ter levantado pedras que não foram suficientemente difíceis de serem erguidas, por isso conclui que deve partir para outras que requeiram mais de sua própria força. O desfecho de nosso infortunado herói está sugerido ao final: ele irá “desperdiçar as forças que lhe restam” nesse vão trabalho.

Deslindados os contornos do exemplo girardiano, compreendamos, então, o sentido dessa pequena “parábola”. A “crença” que incita o personagem é o desejo metafísico, uma modulação do desejo que, como vimos, não é aquisitiva, mas ontológica, ou seja, o sujeito deseja uma espécie de “fusão” com o ser do seu mediador. O histórico das pedras levantadas constitui sua experiência com situações que resultaram inócuas. Conseqüentemente, nosso herói pertence a um perfil de sujeito que depreende de sua preciosa experiência de fracasso; não que sua busca possa eventualmente estar equivocada e que isso requeira, de sua parte, uma reflexão sobre seu desejo: longe disso, o homem em questão conclui que seu fracasso se deve justamente à insignificância de seus empreendimentos e que, portanto, deverá lançar-se a buscas mais arrojadas, pois medirá o valor do seu ideal pelo grau de impossibilidade que seu obstáculo lhe fará suportar.

Embora sem retomar diretamente essa “parábola”, René Girard voltará a esses mesmos pressupostos para tratar do tema do masoquismo em *Coisas ocultas desde a fundação do mundo*. Vejamos o seguinte trecho do referido livro que,

apesar de um pouco longo, é bastante oportuno:

O desejo não compreende por que o modelo se transforma em obstáculo, mas ele enxerga claramente que essa transformação acontece. Não é possível desconsiderar um fenômeno tão constante. Em vez de considerá-lo da única maneira que seria razoável considerar, o desejo arremete-se cegamente à única escapatória que lhe resta. Mediante um raciocínio falso, mas de uma lógica impecável, ele visa, como dissemos, à probabilidade mais fraca. Em vez de estender os resultados de seus fracassos passados a todos os desejos possíveis e imagináveis, ele decide restringir seu alcance apenas às experiências já feitas, ou seja, aos objetos mais abordáveis, aos adversários menos intratáveis, a tudo que pode tornar a vida mais fácil e agradável, a tudo que permite ainda “funcionar” como se diz tão bem hoje. Ele decide portanto que só valem a pena ser desejados os objetos que não se deixam possuir; apenas merecem guiar-nos na escolha de nossos desejos os rivais que se mostram imbatíveis, os inimigos irreduzíveis.

[...]

O desejo, a partir de então, corre para se ferir nos obstáculos mais cortantes, nas defesas mais inexpugnáveis. Como os observadores não acreditariam naquilo que eles chamam de masoquismo? E, no entanto, todos estão errados em acreditar nisso. O desejo aspira a prazeres inauditos e a triunfos retumbantes. É por isso que ele não espera encontrá-los em experiências ordinárias e nas relações que se deixam controlar. É nas vilanias que o fazem sofrer, nos desprezos com que será cumulado que ele lerá cada vez mais os sinais da superioridade absoluta do modelo, a marca de uma autossuficiência bem-aventurada necessariamente impenetrável à sua própria insuficiência (Girard, 2008, p. 378).

Ao afirmar que “todos estão errados em acreditar” que seria adequado considerar como masoquista o tipo de conduta que descreveu, Girard demarca uma tomada de posição ainda não expressamente admitida em seu livro de estreia. Entendamos: designar o fenômeno apresentado como *masoquismo* seria admitir, pela própria adoção dessa palavra, uma adesão à concepção psicanalítica segundo a qual o sujeito procuraria as situações de sofrimento das quais extrairia alguma forma de prazer. Nada mais distante, portanto, da explicação fornecida por Girard, para quem esse sujeito não se lança no fracasso pelo prazer (deliberado ou não) que resultará disso, mas pelo “raciocínio falso, mas de lógica impecável” que o faz optar pela “probabilidade mais fraca”. Em razão disso, diz o autor:

É preciso renunciar ao rótulo de masoquista, que obscurece a limpidez extrema do fenômeno. Falar de masoquismo, como eu mesmo falava antigamente, é não ver que bem antes da chegada dos psiquiatras o desejo interroga-se sobre si mesmo e propõe respostas". A única hipótese que ele infelizmente rejeita, e com uma obstinação digna de uma melhor causa, é a hipótese mimética, a mais simples e a única verdadeira. Se os rivais e os obstáculos surgem a todo instante à nossa frente é porque imitamos o desejo dos outros. Por recusar essa verdade banal e sem histórias que, em cada etapa, iria levá-lo a reconhecer seu próprio absurdo e abandonar a partida, caso ele realmente a adotasse, o desejo deve se lançar em interpretações nunca contrárias à lógica, mas sempre mais sutis e sofisticadas (Girard, 2011, p. 378).

Há ainda dois outros aspectos que se impõem ao considerarmos o quadro de diferenciações entre os dois pontos de vista: o primeiro diz respeito à discordância de Girard não apenas com relação ao lugar de centralidade que a sexualidade ocupa no escopo da psicanálise; mas também, em segundo lugar, ao papel que nela exerce a "teoria dos instintos", postulando como algo "enraizado no corpo" a origem de uma conduta que, segundo a Teoria Mimética, teria como fonte o mimetismo das relações interpessoais. De fato, esses dois aspectos, a base instintual do fenômeno e a sexualidade como seu parâmetro matricial, fundamentam toda a argumentação freudiana no estudo de 1924 intitulado "O problema econômico do masoquismo", tal como se pode perceber no parágrafo que arremata as considerações do referido ensaio:

Desse modo, o masoquismo moral vem a ser testemunha clássica da existência da mistura de instintos. Seu caráter perigoso se deve ao fato de proceder do instinto de morte, correspondendo à parte deste que escapou de ser voltada para fora como instinto de destruição. Por outro lado, tendo ele a significação de um componente erótico, também a autodestruição do indivíduo não pode ocorrer sem satisfação libidinal (Freud, 2011, p. 179).

Claro está, portanto, que o masoquismo freudiano está inteiramente relacionado, como não poderia deixar de sê-lo, ao âmbito das pulsões e, nesse sentido, situa-se na zona fronteira entre "o anímico e o somático"⁵. Já no início do texto "O problema econômico do masoquismo", Freud depara-se justamente com a necessidade de conciliar ou, pelo menos, de descrever as relações entre diferentes e, aparentemente inconciliáveis, princípios pulsionais: o princípio do prazer, "guardião da nossa vida", e dois outros "instintos que diferenciamos, os instintos de morte e os instintos de vida eróticos (libidinais), e não podemos continuar a discussão do problema do masoquismo antes de realizar esse trabalho" (Freud, 2011, p. 166).

Grosso modo, Freud recorrerá à "hipótese das duas espécies de instintos" que acredita atuar nos seres vivos, a fim de fornecer uma explicação para o masoquismo. Nesse modelo, a libido confronta "o instinto de morte ou destruição" presente nos organismos multicelulares (uma força que tende a desagregar o ser vivo, conduzindo suas partes a um estado de "inorgânica estabilidade"). A tarefa da libido, portanto, seria neutralizar esse impulso destrutivo, e isso seria realizado por meio de seu "desvio em boa parte – e logo com ajuda de um sistema orgânico particular, a musculatura – para fora, para os objetos do mundo exterior" (Freud, 2011, p. 171). Esse impulso, quando projetado para fora, adquiriria designações como "instinto de destruição, instinto de apoderamento, vontade de poder" (Freud, 2011, p. 171). Parte dele, no entanto, seria investida na função sexual, dando origem ao sadismo. Outra parte, que "não realiza essa transposição para fora" (Freud, 2011, p. 171), permaneceria no interior do organismo e, associando-se à excitação sexual, tornar-se-ia investida pela libido. É nessa porção que Freud identifica o masoquismo original, erógeno, forma

⁵ O argumento de alguns autores de que a pulsão de morte estaria relacionada exclusivamente com a especulação biológica construída por Freud em "Mais além do princípio de prazer" não nos parece pertinente, sobretudo porque o campo da biologia é referido por ele no que diz respeito a toda a teoria da pulsão, inclusive as sexuais. Em "Dois artigos de enciclopédia", por exemplo, Freud assinala que o recurso à biologia foi necessário para a teoria geral da pulsão: "Se bem que o trabalho psicanalítico se caracterize em geral por desenvolver suas doutrinas com a máxima independência possível das outras ciências, vê-se necessitado a, com relação à doutrina das pulsões, buscar apontamento na biologia". Entende-se que tal relação entre o biológico e o psíquico se torna onipresente quando se trata, na própria definição da pulsão, de um conceito verdadeiramente "fronteiriço entre o anímico e o somático", "um representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a alma, como uma medida da exigência de trabalho que é imposta ao anímico em consequência de sua ligação com o corporal" (Jorge, 2010, p. 129-130).

mais primária, por assim dizer, do masoquismo, do qual o "masoquismo moral" (mais próximo ao sentido que empregamos ao longo destas considerações) seria uma derivação.

O "masoquismo moral", a respeito do qual Freud afirma que "o verdadeiro masoquista sempre oferece a face quando vê perspectiva de receber uma bofetada" (Freud, 2011, p. 173), constitui um fenômeno muito mais afim ao que vimos abordando ao longo destas considerações. Como se pode depreender do breve apanhado que traçamos do ensaio freudiano de 1924, o fator instintual e a imbricação com a sexualidade vinculam-se indissociavelmente à explicação do masoquismo, e é esse, pontualmente, o alvo da crítica girardiana:

Para reduzir todos os sintomas à unidade sugerida por sua conjunção é preciso ressaltar não a sexualidade propriamente dita, como faz Freud, mas o mimetismo e a rivalidade. Apenas esse mimetismo pode tornar essa conjunção inteligível, pois basta que ele se exaspere para que apareçam simultaneamente "sintomas" que são efetivamente indissociáveis, sua diversidade não passando de ilusão; a crença nessa diversidade revela nossa impotência para conduzir tudo à fonte única, a rivalidade mimética.

[...]

Não apenas a teoria dos instintos é inerte, como ela reforça a tendência psicanalítica para imaginar essências separadas, cada vez que se apresenta uma observação e não parece nova senão por ser incapaz de aí reconhecer um novo efeito de uma nova causa ou uma perspectiva um pouco modificada sobre um fenômeno já observado (Girard, 2011, p. 394, 397).

Em suma, a Teoria Mimética, tal como Girard a propõe, preconiza a primazia do social sobre o biológico e a possibilidade de uma unidade causal que abranja fenômenos que vão da simples rivalidade ao masoquismo exacerbado, e nisso reside a diferença de fundo com relação às posições freudianas.

Considerações finais

A abordagem aqui proposta de *Humilhados e ofendidos* à luz da Teoria Mimética de René Girard permitiu identificar, nas relações intersubjetivas dos personagens centrais, uma rede intrincada de desejos mediados que culminam em ma-

nifestações intensas de rivalidade, frustração e sofrimento. Ao partirmos da centralidade da literatura de Dostoiévski na obra inicial de Girard, pretendemos demonstrar como os personagens desse romance figuram os mecanismos do desejo mimético, especialmente em seu estágio mais agudo, a mediação interna, que conduz à multiplicação dos conflitos e ao esvaziamento das vontades individuais.

Girard não considera esse romance dostoiévskiano como estando no mesmo nível de representação da problemática das mediações que as obras posteriores a *Memórias do subsolo* alcançarão, uma vez que essa narrativa ainda "desenvolve-se, do início ao fim, em um clima de idealismo romântico que bem podemos chamar de mistificador" (Girard, 2011, p. 37). Tal fator, por sua vez, repercute no tema do masoquismo, pois a "retórica sentimental põe sob uma falsa figura de esforço moral e espírito de sacrifício uma conduta que provém com evidência cada vez maior de um *masoquismo* psicopatológico" (Girard, 2011, p. 37).

Em nossas considerações, todavia, procuramos seguir as pistas miméticas fornecidas por Girard, de modo a observar os "lampejos que iluminam" as dinâmicas do desejo mediado nesse romance. Para tanto, voltamos nossa atenção ao masoquismo como categoria girardiana, não como um instinto ou pulsão de autossabotagem, mas como desdobramento lógico de um desejo ontológico, que se estrutura em torno de um modelo mediador idealizado e inacessível. As condutas de Vânia, Natacha e Aliócha ilustram de modo contundente essa lógica: todos parecem mover-se não em direção ao objeto desejado, mas ao ser do outro, um ser ao qual só se pode aspirar através da repetição da derrota.

A diferenciação entre a abordagem girardiana e a psicanalítica quanto ao tema do masoquismo revelou-se, nesse sentido, inevitável. Enquanto a psicanálise concebe o masoquismo como expressão de uma economia libidinal, Girard propõe uma explicação ancorada na dinâmica relacional e no mimetismo ontológico, desfazendo a ilusão de autonomia do desejo e evidenciando o quanto os

sujeitos se lançam a empreendimentos fadados ao fracasso não por prazer, mas por uma lógica de valorização do inacessível.

Como desdobramento possível desta leitura, destaca-se a potência analítica da Teoria Mimética para iluminar, além do funcionamento dos afetos no universo dostoiévskiano, também as formas de sofrimento ligadas ao desejo. Desse modo, *Humilhados e ofendidos* permanece, apesar dos laivos românticos que ainda se fazem presentes na narrativa, um campo privilegiado de observação da dinâmica do desejo, atualizando, na literatura, as consequências da rivalidade mimética.

Referências

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *Dom Quixote*. Tradução de Ernani Ssó. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Humilhados e ofendidos*. Tradução de Fátima Bianchi. São Paulo: 34, 2018.

FREUD, Sigmund. O problema econômico do masoquismo. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas [1923-1925]*, v. 16. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GIRARD, René. *Coisas ocultas desde a fundação do mundo: a revelação destruidora do mecanismo viti-mário*. Tradução de Martha Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GIRARD, René. *Dostoiévski: do duplo à unidade*. Tradução de Roberto Mallet. São Paulo: É Realizações, 2011.

GIRARD, René. *Mentira romântica e verdade romanesca*. Tradução de Lilian Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2009.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*. v. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

KIRWAN, Michael. *Teoria mimética*. Conceitos fundamentais. Tradução de Ana Lúcia Correia da Costa. São Paulo: É Realizações, 2015.

Rafael Campos Quevedo

Doutor em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), especializado em Literatura Brasileira (Universo) e graduado em Filosofia e Letras pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Atua na área de Literatura Portuguesa e Brasileira. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisa em Lírica Contemporânea de Língua Portuguesa e o Grupo de Estudos Girardianos da UFMA. É professor associado do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMA (PGLetras-UFMA). Desenvolveu pesquisa de pós-doutoramento (2021) sobre a obra de Salgado Maranhão na Universidade Federal Fluminense (UFF), com bolsa CNPQ pós-doutorado sênior.

Mariana Amorim Garcia

Discente no último período do curso de Letras – Espanhol da Universidade Federal do Maranhão. Atua no Grupo de Estudos Girardianos (CNPQ-UFMA), tendo sido bolsista de Iniciação Científica (FAPEMA-UFMA) com pesquisa na obra de Dostoiévski sob o viés da Teoria Mimética de René Girard.

Endereço para correspondência

RAFAEL CAMPOS QUEVEDO

Rua Raimundo Leal, s/n.

Cond. Del Fiori 701B, Jardim Eldorado, 65066-635

São Luís, Maranhão, Brasil

MARIANA AMORIM GARCIA

Av. dos Portugueses, 1966, Bacanga

Cidade Universitária Dom Delgado, 65.080-805 (Residência Universitária do Campus)

São Luís, Maranhão, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.